

DESENVOLVIMENTO REGIONAL, RURAL E URBANO: UM ESTUDO COMPARADO DO AGRONEGÓCIO NO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO E NA FRONTEIRA AGRÍCOLA.

Rita Maria da Silva Passos*
Nádia Maria Coelho Rodrigues**
Cláudia Graça***

RESUMO:

Nesta síntese, busca-se resgatar e refletir sobre a expansão do agronegócio no Semi-Árido Nordeste e suas implicações ao meio ambiente e ao desenvolvimento regional. Para tanto se confronta esta realidade ao Cerrado e percebe-se que por processos distintos de ocupação e trajetória econômica em ambos os casos, o agronegócio acentua disparidades intra-regionais, tanto no espaço urbano quanto no rural.

O agronegócio está associado a grupos alinhados ao capitalismo colocando em condições subordinação produtores alheios ao processo de inovação tecnológica. Sendo esta última uma pré-condição à competitividade, assumindo níveis diferenciados de importância econômica conforme a região, assim, ao passo que tende a promoção de espaços e diminuição de desníveis regionais, paradoxalmente, ele é extremamente seletista. Assim podemos constatar que o agronegócio da fronteira agrícola como um modelo mais consolidado e o Nordeste, em especial, nos Estados da Bahia e Pernambuco, como processo agroindústrias em expansão, suas implicações ao meio ambiente e ao desenvolvimento brasileiro.

Constatou-se uma discussão cheia de possibilidades de desenvolvimento, contudo, do ponto de vista concreto, de melhores condições de vida para as pessoas, pouco se avançou. Observou-se um padrão de crescimento do agronegócio aos moldes do processo de industrialização, hoje, intensivo em tecnologia e poupador de mão-de-obra, alinhando com a perspectiva de manutenção e eficiência do sistema capitalista. Assim, reproduzem-se no campo as condições de produção/ reprodução das cidades, no pior sentido, o da precarização, da subordinação dos trabalhadores rurais e agricultores e da marginalização das populações mais pobres. Apontam que as políticas, em geral, incentivam o caráter empreendedor com pouca nas populações rurais/agrárias mais vulneráveis. Além de espacialmente refletir os interesses dos mercados e por consequência das políticas públicas e não necessariamente a questão populacional.

*Economista UFRRJ, Especialista em Sociologia Urbana (UERJ), Mestre em Estudos de Populacionais e Pesquisas Sociais (ENCE/IBGE) e Doutoranda em Demografia (UNICAMP). Analista de Projetos II (FIRJAN/CIRJ e FEEMA).

**Estatística (ENCE/IBGE) e Analista de sistemas (UFRJ), Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais (ENCE/IBGE), Doutoranda Engenharia Elétrica (PUC_RIO). Analista de Sistemas do IBGE.

***Zootecnista. Especialista em Desenvolvimento Agricultura e sociedade (CPDA/UFRRJ) e Analista Ambiental da FEEMA.